

LUIZ ANTONIO ARAÚJO GONÇALVES

A METAMORFOSE DA
FEIRA NORDESTINA:
A INSERÇÃO DA CONFECÇÃO POPULAR

2019

Blucher



A metamorfose da feira nordestina: a inserção da confecção popular

© 2019 Luiz Antonio Araújo Gonçalves

Editora Edgard Blücher Ltda.



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE
CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613



Reitor

Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA

Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente), Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo, Ana Iris Tomás Vasconcelos, Carlos Augusto Pereira dos Santos, Claudia Goulart de Abreu, Eneas Rei Leite, Francisco Helder Almeida Rodrigues, Israel Rocha Brandão, Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque, Maria Adelane Monteiro da Silva, Maria Amélia Carneiro Bezerra, Maria José Araújo Souza, Maria Somália Sales Viana, Maristela Inês Osawa Vasconcelos, Raquel Oliveira dos Santos Fontinele, Renata Albuquerque Lima, Simone Ferreira Diniz, Tito Barros Leal de Ponte Medeiros, Virginia Célia Cavalcante de Holanda.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gonçalves, Luiz Antonio Araújo
A metamorfose da feira nordestina : a inserção da
confecção popular / Luiz Antonio Araújo Gonçalves.
-- São Paulo : Blucher/Edições UVA, 2019.
248 p.
Bibliografia
ISBN 978-85-8039-357-6 (e-book)
ISBN 978-85-8039-356-9 (impresso)

Open Access

1. Feiras livres - Brasil, Nordeste 2. Feiras livres - Brasil,
Nordeste - Mudança social 3. Cultura popular - Brasil,
Nordeste 4. Vestuário - Confecção I. Título

18-1828

CDD 381.180981

Índices para catálogo sistemático:
1. Feiras livres - Brasil, Nordeste

Aos meus pais, Luiz e Luiza Amélia, e às minhas irmãs, Celeste Augusta e Flávia;

À minha companheira, Jamille Barros, e à nossa Isabella Maria, promessa de Deus em nossas vidas.

● AGRADECIMENTOS

Pelos encontros e despedidas, idas e vindas, registros e lembranças nessa trajetória de pesquisa, agradeço a Deus pelo entendimento, sabedoria e perseverança para conclusão deste trabalho.

Tenho convicção de que esta pesquisa foi moldada pelo diálogo e partilha de visões de mundo debatidas em vários momentos, reuniões de trabalho e conversas informais, de modo que compartilho essa obra com muitas pessoas, profissionais e entidades que colaboraram em diferentes momentos da pesquisa.

Ao Laboratório de Estudos Urbanos e da Cidade – LEURC, núcleo de pesquisa da Universidade Estadual do Ceará – UECE, onde conseguimos desenvolver a reflexão teórica e o debate com os colegas e amigos, inserindo este trabalho no âmbito do Grupo de Pesquisa (CNPq): Mobilidades, metropolização e redes: perspectivas sobre o urbano no Ceará. Ao Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais – NEURB, da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA pelas atividades desenvolvidas junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa (CNPq) em Planejamento Urbano e Regional – GEPPUR.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PROP-GEO, Universidade Estadual do Ceará – UECE.

Às entidades que representam os feirantes, cada uma, ao seu modo, lutando em defesa dos interesses desses trabalhadores. Agradeço, de modo particular, à Dona Vera e ao Mazinho, da Associação dos Feirantes de Serrinha/BA; à Diretoria da Associação dos Feirantes do Aprazível (AFA), nas pessoas de Carlos Alexandre de Matos e Francisco de Paula Neto (Chico Neto); ao Heron Moreira, da União dos Feirantes do Estado do Ceará, e à Maria Aparecida dos Santos Assunção (Cida), da União dos Feirantes, Sulanqueiros e Ambulantes de Caruaru (UFESULAC).

Agradeço, de modo especial, à Professora Zenilde Baima Amora, pessoa a quem tenho gratidão por apostar no trabalho e por enfrentar todos os desafios desta pesquisa. Meu reconhecimento e gratidão a essa pesquisadora, professora, orientadora, tutora, conselheira e amiga

A Professora Virgínia Célia Cavalcante de Holanda, pelo compromisso e seriedade somados à simplicidade e generosidade com que acolheu esta pesquisa, em diálogo constante, horizontal no trato do dia a dia.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio financeiro à realização da pesquisa por meio de edital contemplado.

Por fim, aos feirantes e às feirantes das diversas feiras da região Nordeste, homens e mulheres que trabalham dia após dia, superando desafios da labuta a cada nova feira trabalhada com perseverança, batalhando a cada dia pela sobrevivência, mostrando-nos a essência de um povo obstinado pelo trabalho e que, por meio deste, empreende transformações silenciosas no espaço, economia e cultura da região Nordeste do Brasil.

Você não encontra muita coisa sobre a maneira como as pessoas sem importância viveram esse dia: suas ocupações e preocupações, seus trabalhos e divertimentos.

Henri Lefebvre (1991)

Esta Elegia não canta o amor do Nordeste passado, que foi o domínio dos latifundiários e dos 'barões' do açúcar, Nordeste esse que se projeta agora num folclore que é, sob muitos aspectos, a glorificação de um passado de servidão. Esta Elegia canta o amor do futuro. Não esquece, porém que, ao cantar, esse futuro realiza-se pelo aprofundamento da exploração, nesse futuro imediato.

Francisco de Oliveira (1981)

PREFÁCIO

São correntes as leituras que apontam intensas e rápidas mudanças na Região Nordeste do Brasil, como produto de dinâmicas variadas e das mais recentes modalidades de integração nacional, aliadas à escala global. Daí a necessidade crescente de se acompanhar essas mudanças e, precisamente, de se entender seus efeitos socioespaciais.

Em grande parte, as abordagens enfatizam aspectos referentes às alterações nas relações de produção no campo, com a implementação do agronegócio, introdução de novos produtos agrícolas, expansão do parque industrial e aumento dos fluxos comerciais com o resto do País e o Exterior. Acrescentam-se, ainda, as implicações econômicas decorrentes do incremento à atividade turística e da expansão da urbanização, concentrando a população nas grandes e médias cidades, consoante o processo de metropolização, que conduz à manutenção das desigualdades sociais no meio urbano. No âmbito da indústria, sobressai-se a formação de polos dinâmicos na região, entre os quais convém mencionar o polo têxtil de confecções na Região Metropolitana de Fortaleza, com articulações regional e nacional e utilizando a base já existente desses tradicionais ramos de indústrias, como demonstrado por Araújo¹.

Nesse contexto de mudanças, são também evidenciadas permanências de velhas estruturas de ordem econômica, política e social, imbricadas aos novos eventos e, portanto, num movimento articulado e constituindo partes integrantes de uma totalidade. Assim, entre continuidades e discontinuidades, tão bem enfatizadas por Nascimento (2008), no prefácio à nova edição do livro de Marcel Bursztyń², intitulado *O poder dos donos: planejamento e clientelismo no Nordeste*, e retomadas por esse autor, alguns eventos são marcantes e chamam a atenção dos estudiosos, como ocorre com o avanço da informalidade que aumenta em detrimento do trabalho formal.

¹ ARAUJO, Tania Bacelar de. *Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências*. Rio de Janeiro: Fase, 2000.

² BURSZTYN, Marcel. *O poder dos donos: planejamento e clientelismo no Nordeste*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond/Fortaleza: BNB, 2008.

A informalização ascendeu como tendência, e, em setores tradicionais – como a confecção popular – afez relevo, sendo a feira livre uma das maneiras mais correntes de realização da mercadoria produzida por esse setor, porquanto expressão histórica e geográfica vinculada ao mercado e à cidade, mas que se altera com o avanço da urbanização e das consequências da inserção desses espaços no mundo globalizado. Estudos apontam que, desde 1980, no Brasil, a participação da força de trabalho em atividades capitalistas perdeu potência em detrimento de ocupações em setores mais informalizados. No Nordeste, não foi diferente, denotando, por sua vez, particularidades, tanto em relação a lugares quanto a setores econômicos, a exemplo da confecção popular, que passou a ser comercializada nas tradicionais feiras das cidades nordestinas.

De tal maneira, os mercados periódicos nessas cidades se mantêm, mas ganham outros formatos, instigando a curiosidade acadêmica de estudiosos como Luiz Antônio.

No desejo inquietante de explicação desse fenômeno, ele suscita hipóteses, estabelece parâmetros investigativos e se lança num trabalho minucioso de pesquisa, que resultou em um esforço de tese, ora convertido em livro.

O volume *Metamorfose da feira nordestina: a inserção da confecção popular* resulta da pesquisa doutoral de Luiz Antônio, defendida brilhantemente no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PROP GEO, da Universidade Estadual do Ceará - UECE, em junho de 2016, e que acompanhamos, *pari passu*, na condição de orientadora. No percurso da tese, tivemos a oportunidade de compartilhar ideias, como é de praxe entre orientador e orientando, mas também de acompanhar, por várias vezes, a tarefa de campo nas três feiras pesquisadas e em três Estados do Nordeste (Ceará, Pernambuco e Bahia). Assim, ganhamos muito com este trabalho, não só na condição de orientadora, mas também pela satisfação que nos trouxe e pela excelente oportunidade de mais descobertas.

A publicação do compêndio em apreço soma-se a outros estudos concernentes às feiras livres no Nordeste, porém diferenciando-se, ao enfatizar, de modo peculiar, a “explosão” da confecção na feira nas últimas décadas. Desse modo, converte-se em uma oportuna contribuição às reflexões sobre essa temática, tanto no terreno da Geografia como na seara das Ciências Sociais em geral. Suas metamorfoses, mas também a permanência da feira, em meio a conflitos e resistências, forjando novas geografias, na expressão do autor, constituem a razão maior de ser desta investigação, na qual destacamos dois pontos essenciais.

O primeiro diz respeito aos caminhos da pesquisa, a escolha teórico-metodológica norteadora da investigação intelectual. A preocupação com o aspecto te-

órico, portanto, acompanhou o estudo de Luiz Antônio, ao dialogar com a teoria e com diversos autores, valendo-se do recurso da interdisciplinaridade e deixando claro que o arcabouço teórico de uma pesquisa só tem sentido quando voltado para a compreensão do real. O conceito de feira foi o ponto de partida do estudo, uma vez que essa modalidade secular de comércio se mantém como expressão espacial, porém redefinindo-se com o avanço da venda da confecção, suscitando reinterpretações. É na feira onde circulam os artigos produzidos, no caso, a confecção, que, para ser realizada (consumida), precisa ser distribuída. Com efeito, produção, distribuição, circulação e consumo não figuram como etapas estanques, independentes, mas pontificam como componentes de um mesmo processo. Essas fases se imbricam, interpenetram, como resta claro no texto.

O segundo ponto a destacar refere-se ao farto material empírico levantado pelo autor, por meio de pesquisa direta nas feiras e com os feirantes, percebendo-se, claramente, a articulação dessa etapa com a base teórica, o alicerce da pesquisa. Com suporte no material pesquisado, fica ainda mais clara a complexidade do fenômeno feira e mais evidentes as metamorfoses preconizadas. Na fala dos feirantes, é possível se perceber – e isso foi muito bem trabalhado no texto – as condições de reprodução desses trabalhadores. A escuta dos feirantes e as visitas às feiras foram fundamentais para que Luiz Antônio nos brindasse com novas descobertas que, muitas vezes, só um mergulho mais profundo na realidade proporciona.

Algumas dessas novidades merecem destaque. Mencionamos aqui a implicação espacial da feira e sua relação com a cidade que é intrínseca, uma vez que, se de um lado a feira comercializava tradicionalmente alimentos e alguns artigos industrializados, de outra parte, cidade e campo se complementam, estabelecem relações por meio da feira. As relações campo e cidade, contudo, não sucedem mais de igual maneira, em razão de vários fatores, já comentados, que interferem na dinâmica rural-urbana. As alterações e adaptações conduzem a novos dinamismos espaciais, pois as relações ocorrem, agora, entre cidades, ou seja, dos polos de confecção com os pontos de venda, as feiras, ensejando novas centralidades. Cabe, ainda, salientar no caminho metodológico do autor o recurso à cartografia, que, no trabalho, foi essencial para expressar a espacialização dos fluxos da confecção e o percurso dos compradores que se deslocam dos mais distantes pontos do Brasil para as três feiras pesquisadas, além do farto material iconográfico obtido por meio de documentos e/ou pesquisa direta.

Outro aspecto de destaque, na análise em apreço, é quanto à alteração no espaço econômico da feira, ou seja, à medida que a feira se “metamorfoseia”, assumindo a condição de mercado atacadista, surgem, em vários municípios da

Região, empreendimentos comerciais privados. Esses centros de moda, assim denominados, são criados essencialmente para esse fim, negando, de certo modo, a essência da feira, que é a ocupação do espaço público acoplado à lógica do espaço urbano.

Este livro reforça o compromisso de Luiz Antônio em divulgar os resultados de sua tese, contribuindo para a reflexão de um tema caro à Geografia. Ao mesmo tempo, abre perspectivas, ao concorrer para suscitar novas ideias que, com certeza, converter-se-ão em contribuições no campo da pesquisa geográfica e do entendimento da realidade, considerando, na devida conta, as condições de vida e de trabalho dos nordestinos.

Zenilde Baima Amora
Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PROPGEO,
da Universidade Estadual do Ceará - UECE

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. A FEIRA: ESPACIALIDADES E TEMPORALIDADES DE UMA MODALIDADE DE COMÉRCIO ANTIGA.....	25
2.1 A ORIGEM DAS FEIRAS E SUA RELAÇÃO COM O MERCADO E A CIDADE.....	26
2.2 A EXPRESSÃO CULTURAL DA FEIRA: BREVE ABORDAGEM.....	45
3. A FEIRA E SUAS MANIFESTAÇÕES SOCIOESPACIAIS NO NORDESTE BRASILEIRO.....	53
3.1 A ATIVIDADE COMERCIAL E A FEIRA COMO EXPRESSÃO ECONÔMICA E CULTURAL DA REGIÃO NORDESTE.....	54
3.2 RESGATE DAS PRINCIPAIS FEIRAS NORDESTINAS: ORIGENS E DINÂMICA REGIONAL.....	66
3.2.1 A FEIRA DE CARUARU: CIDADE-BOCA DO SERTÃO PERNAMBUCANO.....	67
3.2.2 A FEIRA DE CAMPINA GRANDE, CIDADE-MERCADO DA BORBOREMA.....	72
3.2.3 A FEIRA DO CRATO, CIDADE-BOCA DE SERTÃO CEARENSE.....	80
3.2.4 A FEIRA DE FEIRA DE SANTANA, PORTAL DO SERTÃO BAIANO.....	84
3.2.5 A ANTIGA FEIRA DE ÁGUA DE MENINOS (FEIRA DE SÃO JOAQUIM) – SALVADOR/BA.....	88
4. AS FEIRAS DE CONFECÇÃO: APRAZÍVEL, EM SOBRAL, NO CEARÁ; CARUARU, EM PERNAMBUCO; E SERRINHA, NA BAHIA.....	97
4.1 A FEIRA DO APRAZÍVEL, SOBRAL/CE: EXTENSÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO E COMÉRCIO DE CONFECÇÃO POPULAR DE FORTALEZA/CE.....	101
4.1.1 A FEIRA E O MERCADO NA CIDADE DE SOBRAL/CE.....	103
4.1.2 A FEIRA DE CONFECÇÃO DO DISTRITO DE APRAZÍVEL: OUTRA FEIRA, OUTRA DINÂMICA.....	108
4.1.3 OS FEIRANTES E A ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA FEIRA.....	117

4.2 A FEIRA DE CARUARU – A CENTRALIDADE DO ARRANJO PRODUTIVO DE CONFECÇÃO DO AGRESTE PERNAMBUCANO.....	123
4.2.1 O SURGIMENTO DA FEIRA DA SULANCA DE CARUARU	123
4.2.2 OS FEIRANTES DA “SULANCA”	127
4.3 A FEIRA DE SERRINHA/BA – A DIFUSÃO DO COMÉRCIO DA CONFECÇÃO NO SERTÃO BAIANO	131
4.3.1 A FEIRA DE SERRINHA E SUA LOCALIZAÇÃO	131
4.3.2 OS FEIRANTES – MERCADORES AMBULANTES DO SERTÃO	134
5. AS METAMORFOSES DA FEIRA: ELEMENTOS DA PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO, CIRCULAÇÃO E CONSUMO DA CONFECÇÃO POPULAR	141
5.1 A PRODUÇÃO QUE ABASTECE AS FEIRAS DE CONFECÇÃO.....	143
5.1.1 A CADEIA PRODUTIVA DA CONFECÇÃO	143
5.1.2 ORIGEM DA PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA CONFECÇÃO NAS FEIRAS	146
5.2 OS CIRCUITOS DAS FEIRAS DE CONFECÇÃO	162
5.3 AS TRANSFORMAÇÕES NO CONSUMO E O FLUXO DE COMPRADORES DA FEIRA.....	172
5.4 DAS FEIRAS AOS GALPÕES: DA DESCONSTRUÇÃO DA FEIRA LIVRE À CONSTRUÇÃO DE CENTROS DE COMÉRCIO DE CONFECÇÃO POPULAR.	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	209
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	215